

Adiléia Aparecida Bernardo

Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Resumo:

Morte e sombras, sofrimento e terror: estes alguns dos ingredientes das aventuras de *Batman*. Este texto pretende empreender uma leitura acerca do mal em *Batman*, uma das consideradas principais personagens das histórias em quadrinhos de super-heróis, com desdobramentos para outras mídias. Procuro, através de análise de algumas de suas histórias, pensar sobre a expressão, ali, do retorno de manifestações, valores, sentimentos e emoções arcaicos, pré-modernos – que se poderia acreditar esquecidos, dominados, banidos, exterminados –, ao primeiro plano, à cena, hoje, chamando a atenção para mudanças nas relações sociais, nas formas de sociabilidade, no contexto das sociedades moderno-contemporâneas.

Palavras-chave: Batman. Bem e mal. Sociedades moderno-contemporâneas.

“Eu sou Batman. Uma alma sombria travando uma incansável guerra ao crime. Envolto em trevas, sou um predador das forças do mal. Determinado a disseminar o terror no submundo, adotei a temível imagem de um morcego. Para me preparar para a batalha, desenvolvi minha mente, dominando a ciência e a criminologia. Forcei-me até o limite da resistência humana, treinando meu corpo para atingir a perfeição física... O tempo todo motivado pela dor da minha pior lembrança... A noite em que um criminoso saiu das sombras e dilacerou meu mundo. Num instante eu havia perdido as duas pessoas mais importantes da minha vida. Foi essa perda que me modificou para sempre. Foi nessa noite que um garoto tomado pela dor fez um voto solene que jamais esqueceria.”²

Sensibilizada³ por alguns temas recorrentes em *Batman*, como aqueles da dor e do medo, da vida e da morte, do bem e do mal, e seus interlocutores ou desdobramentos, afinei-me com Maffesoli (2003, p. 10), com a continuidade de seus estudos sobre o cotidiano das sociedades contemporâneas, entre outras coisas, por sua abordagem sobre o retorno do trágico e por extensão dos “valores arcaicos ao primeiro plano social” nas sociedades pós-modernas. Entendo convenientes aqui, tanto a sua definição de pós-modernidade como “sinergia do arcaísmo e do desenvolvimento tecnológico”, por entender que ela concorda com fenômenos, como aqueles verificados nas histórias em quadrinhos do *Homem-Morcego*, que “voltam a dar

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 a 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² *Batman*, em *Batman: Guerra ao Crime* (DINI, Paul; ROSS, Alex, 2000).

³ Este texto é parte de minha reflexão desenvolvida na tese de doutorado “Perda e trevas, dor e medo...: um estudo em *Batman*, o *Homem-Morcego*, em histórias em quadrinhos” (2007).

à natureza, ao primitivo, ao bárbaro um lugar prioritário”, quanto, igualmente, a de trágico, como a intensidade, a “intensificação da vida dos nervos”, profetizada por Georg Simmel (1979), “efervescências múltiplas, tremores de diversas ordens, anomias inomináveis e nomadismos diversos”, a expressar a “vitalidade crescente” no milênio iniciático (MAFFESOLI, 2003, p. 12-13).

Em sintonia com a idéia de um *Homem-Morcego*, o pensamento sobre o trágico, significaria o pensamento sobre o inquietante. O silêncio em torno dele residiria menos naquilo que debilita “nossas certezas de pensamento e nossas maneiras de ser”, e mais no que nos provoca/causa de medo. “Um não dito ensurdecador”, esse silêncio, sobre o que, no cotidiano, no “verdadeiro princípio de realidade, melhor [...], da surrealidade”, super-realidade, “é empiricamente vivido, [...] o ‘sentimento trágico da vida’”. Do cotidiano, teríamos nos acostumado a reter mais “o anedótico ou o superficial”, mas haveria ‘algo a se fazer’ pelo fatal nos fatos cotidianos e na experiência; o imprevisível, o indedutível, fonte de “acontecimentos decisivos” (MAFFESOLI, 2003, p. 7-8).

Situações extremas, gostos ou preferências por elas ou por personagens que as vivem, como as observadas entre grupos de fãs ou leitores de quadrinhos, como os de *Batman*, mas que estariam presentes também em seus conteúdos. Compreendê-las pode requerer saber das características do trágico, entendendo com Maffesoli (2003, p. 8) que a “sensibilidade trágica” imobiliza o tempo, lenteia-o; e que essas seriam as marcas do hoje (em oposição à velocidade, no “drama moderno”), assim como a ociosidade, a imobilidade ou a eternização do instante, das quais se pode tirar “o máximo de gozo”.

Tratar-se-ia de uma “inversão de polaridade temporal”, que conferiria “presença à vida”; valorizaria o presente; favoreceria “o sentimento de pertença tribal”, e consideraria a “vida ordinária”, “banal”, “solo da renovação comunitária”, “como destino”. Maffesoli (2003, p. 8) chama a isso de presenteísmo, relacionando-o à mudança atual de paradigma; do “deslizar de uma concepção de mundo ‘egocentrada’ à outra ‘locuscentrada’”; de uma modernidade a uma pós-modernidade; da primazia do “indivíduo racional”, aos grupos, “neotribos”, como as dos fãs, leitores de quadrinhos, de *Batman*, mas também de grupos, rivais, gangues ou não, no interior de suas histórias; da sociedade contratual aos espaços específicos. *Batman* teria se tornado aí, uma das “figuras emblemáticas” de Maffesoli (2003, p. 33), objeto de adesão, a aglutinar participações, gerar comunhão.

Comoção, perturbação, efervescência, ênfase e sentimentos intensos pela vida; diálogo com as sombras, com o desconhecido, com o arcaico, resumem *Batman* e seu mundo em desordem, vigoroso, polissêmico, contraditório, neste momento. Maffesoli (2003, p. 8-10) me diria que eles o distanciam do “drama moderno”, da “pretensão otimista da totalidade”, de um

tempo “monocromático, linear, seguro”, do projeto, utilitarista, burguês, da história, e o aproximam do “trágico pós-moderno”, da “preocupação pela *interidade*”, de um tempo “policromático, trágico por essência, presenteísta”, tempo enquanto duração, plural, de renovação de um politeísmo, de um “paganismo de espírito”, do destino. Vitalidade, vitalismo é como o autor chamaria as multiplicidades, diversidades, heterogeneidades várias desse mundo.

Batman e sua busca raivosa/odiosa/apaixonada por justiça/vingança. *Batman* e seus parceiros aliados ou inimigos. *Batman* e seus inúmeros fãs pelo mundo. Não seriam amostras do presenteísmo de Maffesoli (2003, p. 11-12), com suas “formas de generosidade”, “hedonismo profundo”, “mimetismo tribal” ou “busca furiosa da realização pessoal”, traço do “corporeísmo místico das novas gerações” (diria não só novas); da “atração apaixonada”, como categoria chave dessa pós-modernidade? Não seria *Batman*, um homem adulto em “guerra”, sob a promessa de um garoto, uma amostra desse “ser jovem” - maneira de vestir, falar, se relacionar com o corpo etc. -, “novo imperativo categórico”, a tocar a todos, de que fala o mesmo autor?

“[...] é importante lembrar que os gibis de super-heróis foram inventados para meninos [...] Eu vejo assim: quando Bruce era criança, sua vida mimada e idílica foi destroçada. Desde então, ele tem tentado juntar os pedaços. É perfeitamente coerente que seu melhor amigo [*Robin*] tenha doze anos, pois *Batman* ainda é um menino preso num corpo adulto.”⁴

A hipótese-pergunta de Maffesoli (2003, p. 12) é de que se “assim como a figura do homem adulto e realizado, dono de si e da natureza, dominou a modernidade, não veríamos ressurgir, nesta pós-modernidade nascente, o mito do *puer aeternus*, essa criança eterna, brincalhona e travessa, que impregnaria modos de ser e de pensar?”. “Travessura” nem sempre ‘inocente’ ou ‘inofensiva’ no caso da ‘criança’ *Batman*.

“Seu grande erro... É achar que eu escolhi ser o que sou. Eu não me transformei nisto por idolatrar alguém [...] Você não tem a menor noção do que significa ser o que sou! Eu jamais quis viver nas trevas... muito menos, ser idolatrado por isso! Não adotei esta vida [...] o destino me condenou a ela. O *Batman* foi apenas uma forma de me adaptar ao meu destino. Não posso mudar meu passado, nem fugir deste destino [...]”⁵

Dionísio, sua sombra, se imporiam, propagariam. Então “a importância do festivo”, mas também “a potência da natureza e do entorno, o jogo das aparências, o retorno do cíclico acentuando o destino, coisas que fazem da existência uma sucessão de *instantes eternos*”;

⁴ David Mazzucchelli, responsável pela arte de *Batman: Ano Um*, sobre *Bruce/Batman* (MILLER, Frank; Mazzucchelli, David. *Batman: Ano Um*. 2006, p. 102, Edição Definitiva).

⁵ *Batman* enquanto luta com adversário, em *Batman: Mangá* (Kia Asamyia, 2003, p. 71).

sinalizando o novo paradigma cultural: “o lúdico [naquilo que ele se opõe ao trabalho], com sua dimensão criativa” (MAFFESOLI, 2003, p. 12).

Batman parece retornar à “vida cotidiana”, à “verdadeira vida” (MAFFESOLI, 2003, p. 14), com seus erros e acertos, sem projeto ou objetivo precisos, aquela que estaria em “toda parte”, menos nas instituições. Nele já não há ‘a família’, a não ser em seus pesadelos; ‘nem Deus’, pelo menos não declaradamente, nem Estado que ele não transgrida. No entanto, ali a vida pulsa, se repete, vibra.

Com a publicidade, os videocliques, eu acrescentaria as HQs, estaríamos em face do retorno do “tempo dos mitos”, do “reencantamento do mundo”, “da conjunção do cavaleiro de nossos contos e lendas e do raio laser” (MAFFESOLI, 2003, p. 14), de heróis paradoxais, pós-modernos. Não seria o caso de um homem vestido de morcego empregando a última tecnologia em recursos para combater o crime?

De repetição, o processo desse tempo místico. A associação com o mito é que ele estaria “no domínio das identificações múltiplas” (MAFFESOLI, 2003, p. 14-15), sem identificações definidas. Maffesoli (2003) não se surpreenderia com *Batman*, umas vezes *Bruce Wayne*, outras *Homem-Morcego*, outras ainda, uma identidade anônima qualquer ou então *Fósforos Malone*⁶, seu *alter ego*;

“Há tempos, Fósforos Malone tem sido um de meus disfarces: um marginal sem importância cujo papel é se infiltrar nos submundos de Gotham.”⁷

... umas, garoto caindo⁸ no buraco ou perdendo os pais assassinados diante dos olhos; outras, jovem adulto digladiando-se com vilões e inimigos; outras ainda, velho; umas, anjo protetor; outras, demônio.

“Não sou como você, Bruce. Não procuro o **mal** em todo mundo. Talvez você me ache **ingênuo**...”⁹

Do trágico para as sombras, para o mal, para o Diabo, é um passo. Maffesoli (2004, p. 13), novamente, é quem diagnostica agora o fim do mundo da *intelligentsia* ao mesmo tempo que têm vez manifestações de excessos, como fanatismos, terrorismos, rebeliões silenciosas ou não, “mais ou menos” violentas, sorrateiras e eficazes, abandono de instituições, outros. Eis, segundo ele, o fim de um ciclo, o “do bem como valor absoluto”. Estaríamos diante do

⁶ Disfarce adotado por *Batman* em algumas histórias.

⁷ *Batman*, em pensamento, em *Batman: Absolução* (DeMATTEIS, J. M.; ASHMORE, Brian, 2005).

⁸ Ver título sugestivo de *Batman: O Homem que Cai* (O’NEIL, Dennis; GIORDANO, Dick, 2001).

⁹ *Superman para Batman*, em *Superman/Batman Nº 2: Juntos até o fim! A Supergirl de Krypton: Parte três: Guerreira* (Jeph Loeb; Michael Turner, 2005, p. 10). Superman, *Batman* e *Mulher-Maravilha* costumam se chamar pelo nome verdadeiro, ou civil, como costumam se referir, quando estão sozinhos.

“(re)nascimento” de um “mundo composto”, como já teria havido em outros tempos e lugares, que levaria em consideração o politeísmo de valores, o policulturalismo ou o “efeito de composição” bem e mal, morte e vida; que apontaria “para um real plural [...] baseado na relativização dos valores”.

Diante do que se suponha imutável, adviria a exigência de mobilidade, a circulação, trocas, de coisas, idéias, outras; a “crise”, outros; marcadores, delimitadores, das atuais mudanças, caracterizadas pela volta do “ultrapassado”.

Silêncio: “Nós devíamos nos comportar com os nossos amigos da mesma maneira que gostaríamos que eles se comportassem conosco”.

Batman: “Eu não sou seu amigo”. Pensando: “Aristóteles. O assassino cita Aristóteles [...]”

“Blam. Blam. Blam. Blam” (*Silêncio* atirando).

S.: “O mal unifica os homens”.

B.: “Mais Aristóteles. Maxie Zeus? Que inimigo eu tenho que cita **Aristóteles?**”¹⁰

Hoje o “trabalho” não seria mais um “valor essencial”, uma promessa, um meio para se atingir o “bem”, a perfeição. Em seu lugar, Dionísio acenaria com o hedonismo, a selvageria, a animalidade, a “pessoa plural”. Essa, pessoa composta, antagônica, contraditória, dionisíaca, implicaria o “mal”. Maffesoli (2004, p. 14-16) cita a música, os filmes, a pintura, outros, como exemplos de onde ele estaria se manifestando. Eu insisto nas histórias em quadrinhos, em especial nas histórias de *Batman*, como um dos lugares onde essas manifestações também estariam evidenciadas, como acima. Pluralidade pessoal e policulturalismo promoveriam a integração do mal.

Eis a “hora da anomia”; do desregramento dos sentidos, das formas de amor, de sofrimento, de loucura, outras, pressentidas e inspiradas por Rimbaud (apud MAFFESOLI, 2004, p. 16-17). Excesso, demonismo, efervescências. Dionísio reinaria. Renasce a “criança eterna”, enquanto atitude “ruidosa, cruel, generosa, não-conformista”; estado de espírito, “situacionismo”, que viria se generalizando.

Mas um pensamento sobre o sensível, sobre o mal, em dias presentes, praticamente uma exigência, passaria por compreender e admitir os fenômenos em primeiro plano atualmente. O pensamento do mal, pelo seu afastamento, teria ficado restrito às artes, como o que tenho observado nas artes gráficas das histórias em quadrinhos, eu diria; à poesia e a alguns autores [ou personagens] tidos como malditos; evocados na atualidade. No entanto, haveria, “uma tendência de fundo da vida pós-moderna: a ligação orgânica entre o bem e o mal, entre o trágico e a jubilação” (MAFFESOLI, 2004, p. 20).

¹⁰ *Batman* em ação contra *Silêncio*, em *Batman Nº 20: Silêncio: Capítulo Doze: O fim* (LOEB, Jeph; LEE, Jim, 2004, p. 3).

Mas o que ou quanto há de mal e de seus desdobramentos, “modulações”, nas histórias em quadrinhos de *Batman*? “Agressividade, violência, sofrimento, disfunção, pecado”, seriam algumas, de uma lista infinita, de modulações do mal citadas por Maffesoli (2004, p. 27). Medo, violência, perda, dor, sofrimento, seriam alguns, de uma lista extensa de sentimentos e emoções, alguns contraditórios, recorrentes em *Batman*. Maffesoli (2004, p. 27-28) talvez quisesse abrigá-los todos na “sombra”, chamando atenção para esse “elemento de base em numerosos mitos, onipresente em nossos contos e lendas, obsedante nos sistemas filosóficos [...] uma pedra no caminho da doutrina religiosa”, pelo menos ocidental. Trata-se, aqui, do retorno daquilo que foi negado, recalcado: o imperfeito, como “também um elemento estruturante do dado mundano”.

Maffesoli (2004, p. 29) constata “a volta do mal”, da “face obscura de nossa natureza”, a que ele já teria chamado de “crise” - exemplificada com eventos “aterrorizantes”, como a queda das Torres Gêmeas, os terrorismos biológicos, as ameaças difusas - que não plenamente domesticada, animaria desejos, medos, sentimentos, afetos.

Invertendo a pretensão a uniformidades, universalismos, saberes-poderes, absolutização de valores, à ordem estabelecida, o empenho teórico ocidental de tradição judaico-cristã no “bem”, opondo-se à “parte obscura do humano”, estaria em causa, hoje, um mundo diferente, movido por um saber demoníaco, incorporado, vivido mais do que pensado, a enfatizar “a inteireza do ser”, com seus humores, nem sempre atraentes (MAFFESOLI, 2004, p. 33-34).

“Batman armado de **machado** parece um tanto... improvável. Às vezes esquecemos que, antes dos **batmóveis** e **batarangues**, ele já era treinado em artes marciais... e versado em todo tipo de armamento”.¹¹

A sabedoria demoníaca relacionaria “todos os elementos constitutivos da natureza, inclusive os mais selvagens”, impulsionada por culturas “bárbaras”, “marginalizadas”, “orientes míticos” (MAFFESOLI, 2004, p. 34-35), com suas técnicas corporais, sincretismos filosóficos e religiosos, técnicas de tratamentos, de meditação, de artes marciais, de organização da vida, do espaço. Desordem versus ordem. “Desordem infernal” versus “ordem divina”. Haveria uma “preocupação popular” em “encontrar uma ordem interna, que tem seu próprio rigor, mas que se baseia na interação [...] do material com o imaterial”. Maffesoli (2004) observa uma insistência, através do emprego de diferentes instrumentos, na sinergia, na complexidade da estrutura holística que seria o indivíduo e sua ligação com os “outros”, humano, animal e natural.

¹¹ *Superman* pensando sobre *Batman* durante batalha contra réplicas do monstro *Apocalypse*, em *Superman/ Batman Nº 2: Juntos até o fim!* (LOEB, Jeph; TURNER, Michael, 2005, p. 16).

Manifestações com ênfase nas modulações do mal, como observadas nos quadrinhos de *Batman*, com seus excessos, extremos, como princípio articulador da ação e da atração, remeteriam à morte, à sua inevitabilidade, ao mesmo tempo fecundidade. Maffesoli (2004, p. 36) observaria tratar-se de uma postura tradicional, encontrada nas diferentes culturas pré-modernas e nos mitos humanos, a presença do “ciclo da morte e da vida”.

O autor insiste na aceitação de uma “grandeza na negatividade”. À perfeição das “alturas”, do “céu da divindade”, ele acena com a prática social e a sua relação com “as profundezas da vida”, com o “abismo negro”, com a “animalidade” (MAFFESOLI, 2004, p. 37) em cada um, a crueldade, o prazer, o desejo; coisas “fascinantes”, mas comumente compartimentadas ou pouco toleradas, restritas às obras de ficção, como essas com as quais venho me encontrando.

“Estranho ter sido você. O agressivo. O cruel. O de alma mais sombria. Estranho que você – entre todos nós – mostre-se o mais esperançoso.”¹²

Retorno ao centro do “espírito animal” enquanto “integração do arcaico”, do “primitivo”, do “animal no humano” (MAFFESOLI, 2004, p. 37-39). *Batman* pode ser a “encarnação” desse movimento de integração: homem+morcego a manipular aquilo que mais aterrorizaria a tradição ocidental: “o medo da sombra”, a mesma que teria sido expurgada, banida pela luz divina da criação e que passaria a compor a base da “dualidade estrutural” de nossas sociedades. Essa a base da “recusa da inteireza do ser”, de onde as tentativas de eliminação do trágico, da morte, os mesmos que *Batman* parece insistir em trazer à tona/à cena.

É nesse contexto de discussão que inscrevi meu estudo sobre *Batman*, “o **agressivo. O cruel. O de alma mais sombria**”.

*

Mas onde situar a figura do morcego que parece contaminá-lo, numa alusão à possessão, maldição ou contaminação decorrente do contato com morcegos-vampiros e raivosos das versões das histórias de horror ou mesmo dos discursos médicos, de onde ele extrai seu ódio, sua fúria, seu poder? *Bruce* parece responder a esse contágio já em fase adulta quando revela sua porção ambígua: noturno, solitário, raivoso, sequioso, como sugerido por Frank Miller. Em *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, *Bruce* lembra a sua permanência no buraco, onde cai ainda garoto, e seu primeiro encontro ali com morcegos:

¹² *Lanterna Verde/Hal Jordan* para si mesmo sobre *Bruce/Batman*, em *Batman: O Cavaleiro das Trevas 2* (MILLER, Frank, 2002, p. 34).

“... ele [o morcego] se recusa a se afastar como seus irmãos. De olhos radiantes, sem alegria ou tristeza... seu hálito é **quente** e tem o sabor dos inimigos vencidos... o odor de coisas malditas. Com certeza, ele é o mais feroz sobrevivente... o mais puro guerreiro... brilhando, odiando... **possuindo** minha pessoa”.

Experiência anterior à morte dos pais, a queda ou invasão acidental na caverna e no território do morcego e o encontro com esse quando criança, teriam resultado numa herança, uma marca em *Bruce* ainda garoto, que irá se explicitar mais tarde, na fase adulta: será do medo, que *Batman* extraíra seu maior poder. Percebe-se aí uma dívida contraída nesse encontro, propagar o medo que o morcego lhe causara. *Wayne* adulto varre a sua memória e encontra aí sua principal arma como *Batman*, lhe empresta algo, o medo, o que faz dele um devedor, uma espécie de servo, escravo, a imortalizá-lo numa espécie de culto ao mesmo¹³.

Ainda, é possível pensar que nas profundezas da caverna, em segredo, *Bruce* possa ter estabelecido com o morcego uma espécie de pacto secreto. O que se segue a esse encontro com o morcego? A morte dos pais, a herança bilionária...; em contrapartida, um indivíduo atormentado, a penitenciar-se em aventuras limítrofes, sob a pele de morcego. A idéia de pacto, de um acordo, contrato, será que não explicitaria o que Alain Caillé (2002, p. 304), em cumplicidade com outros autores, levanta sobre a possibilidade não apenas de três momentos “no sistema social e antropológico do dom” (dar, receber e retribuir), mas quatro, incluindo aí o pedido, ou talvez em outras palavras, o desejo?

Batman, nesse momento, reivindica a condição de um dos mitos do indivíduo moderno contemporâneo, independente, autônomo, liberto, solitário, fragmentado, em conflito. Importante reforçar que o que faz dele a personagem principal de suas histórias é o seu envolvimento com o seu drama pessoal, particular, característica marcante desse mesmo indivíduo. Ian Watt (1997), analisando *quatro mitos do individualismo moderno na literatura ocidental* (*Fausto*, *Dom Quixote*, *Dom Juan* e *Robinson Crusoe*) lembra o pacto de *Fausto* com o Diabo de gozar os conhecimentos e os prazeres terrenos e mundanos em troca da alma após a morte. Interessante pensar em *Batman*, de Miller, em seu diálogo interno como *Bruce Wayne*, enquanto resiste ao mesmo tempo que pressente, o retorno de *Batman*: “eu sou um zumbi [...], um cadáver... morto há dez anos”, como se sua alma tivesse sido apartada dele ainda em vida, ou substituída pela do morcego: “ele gargalha dentro de mim, amaldiçoa meu

¹³ Sobre a relação de *Batman* e de outras personagens dos quadrinhos com animais na construção de sua super-heroicidade ou segunda identidade, caberia uma reflexão maior do ponto de vista do perspectivismo apontado por Philipe Descola (1996), Eduardo Viveiros de Castro (1996) e Ellen Roy (1996), quanto à discussão natureza e cultura e a “uma concepção, comum a muitos povos do continente (americano), segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (CASTRO, Eduardo Viveiros de, 1996, p. 115).

ser. Ele invade meu sonho e zomba de mim, arrastando-me até aqui [para a caverna] quando a noite é longa e minha vontade fraca. Ele se debate de maneira incansável e raivosa pra se libertar”.

Watt (1997) lembra ainda que o Diabo vem a *Fausto* de Goethe, na figura de um cão negro. Em *Batman* é reconhecida a figura do morcego como um animal considerado impuro, símbolo de idolatria e de pavor; híbrido, ambíguo, indefinido; espécie de rato-voador, mamífero com asas; habitante das sombras, da escuridão. Daí viria sua associação com os infernos e seus demônios, nas tradições alquímicas. Já o lado vampiro¹⁴ seria o do morto que sai de seu túmulo à noite para se alimentar do sangue dos vivos, transformando suas vítimas também em vampiros. *Batman* se nutre desse imaginário. Meio homem, meio morcego, o assassinato dos pais teria sugado sua vida e o transformado num morto-vivo a se alimentar do sangue, ou da sua possibilidade ou sugestão em outras vítimas, não necessária ou diretamente suas.

Dessa espécie de rato-pássaro, morto-vivo, sobrevivente nas cidades modernas artificializadas, tecnologizadas e racionalizadas, cuja natureza ou sobre-natureza habitam de forma silenciosa, subterrânea, latente, *Batman* teria herdado o seu poder e conseqüentemente a obrigação de propagá-lo.

Drácula: “Quer dizer que o boato é verdade. Há um outro morcego em Gotham.”

Batman: “Conde Drácula, eu presumo?”

D.: “Uma lenda que você parece conhecer muito bem.”

B.: “Não fique lisonjeado.”

D.: “Nós temos muito em comum. Você não viu o noticiário?”

B.: “Não faço mal às pessoas.”

D.: “Você não faz a mais vaga idéia do mal do qual eu sou capaz, só porque eu odeio desperdiçar uma vida quando ela pode ser usada para servir a mim?”

B.: “Vida? Ou vida além morte?”

D.: “Tornar-se um vampiro é fortalecer todos os seus sentidos. Ganhar velocidade, força e imortalidade”

[Lutando]

D.: “Junte-se a mim Batman. Junte-se à minha legião de mortos vivos.”

B.: “Eu não estou interessado.”

D.: “Então eu agradeço por manter o meu legado vivo na minha ausência, mas agora só há lugar para um morcego em Gotham.”

Homem-Morcego: anjo ou demônio? Compactuar com o ‘mal’ para fazer o ‘bem’?

Contraditório? *Batman* não teria se contentado em se aproximar da relação entre o bem e o

¹⁴ Em algumas histórias as orelhas de morcego na máscara de *Batman* se parecem mais a chifres, como nas imagens contemporâneas de diabo, remetendo sua associação a forças decaídas, regressivas e divergentes; ou ainda, curvado sobre ou segurando o corpo de uma vítima ou inimigo ele assume algumas vezes a postura do vampiro.

mal, como nos clássicos contos de fadas, ou mesmo das versões mais recentes, como as do cinema, da ‘guerra’ entre um e outro. Ele conjuga a ligação entre ambos fazendo de si mesmo o principal palco desse eterno conflito, ou seria melhor dizer, com Maffesoli (2004), eterna “tensão”, composição, negociação. Invocando seus medos, suas tragédias, ele reascende o inferno desacionado ou reduzido pelo mundo moderno. Tendo caído nele, ou na sua representação, uma, duas vezes...; a primeira quando se apresenta aos morcegos, a segunda com a morte dos pais..., *Bruce* deve senti-lo algo familiar. Maffesoli (2004) diria que a queda no inferno, que suas tragédias fazem parte de sua iniciação. Assim, quando *Thomas* e *Martha* morrem, *Bruce* já não era virgem para as tragédias e o inferno com seus males já haviam se apresentado a ele.

Cair, quedar. As tragédias não seriam as únicas manifestações do ressurgimento do mal ou daquela “polaridade” (bem e mal), ou “multipolaridade” (bem e mal nas suas múltiplas possibilidades), na linha ainda de Maffesoli (2004). Também seriam as do a ele associados, bem como do divino, para o bem ou para o mal, em nós. Corpo, prazer; prazeres corporais, sensoriais, outros; efemeridades. O animal humano estaria se libertando, colocando suas manguinhas de fora. No caso de *Batman*, as asinhas de fora. “Sem o menor aviso, ele surge... estilhaçando a janela”. *Bruce* já havia sangrado bastante quando o morcego invade seu estúdio em *Ano Um*. Estaria ele delirante? Ao corpo treinado, objetivizado para a esperada/almejada luta contra o crime se soma um elemento ao mesmo tempo natural e místico, sobrenatural. Objeto de culto, transe. A um saber dominado, sobrevém um saber sentido, ou simplesmente, sensações e sensibilidade.

Concordando com o autor acima, sensibilidade, igualmente, que a ambivalência de *Batman*, bem como outras personagens entre o bem e o mal, como as que o inspiraram e as que se inspiraram nele, acionariam/solicitarium de sua assistência, de seus leitores, espectadores, pelo quanto, e por isso mesmo, de fascinação e repulsa/horror que provocam.

“Graças a Deus esta guerra terminou. E estaremos aqui para qualquer outra que a suceder”¹⁵, *Batman* diz para uma *Leslie Tompkins* silenciosa, numa de suas raríssimas referências a Deus.

Batman ora anjo, ora demônio, ora fiel pagador de promessas, ora cruel sacrílego, estaria, nesta abordagem, abrindo portas, comunicando a existência de vários mundos e interpretações, nem melhores nem piores.

*

¹⁵ *Batman* para *Leslie Tompkins* na *Conclusão de Batman Nº 38: Jogos de Guerra: A Última Batalha: Jogos de Guerra: Ato 3: Parte 8: Guerra sem Vencedor* (WILLINGHAM, Bill; KINSUM, 2006, p. 54)

Batman a cavalo em plena *Gotham* tecnologizada e desenergizada, após um pulso eletromagnético provocado pela explosão de uma ogiva nuclear, disparada pelos soviéticos em direção aos Estados Unidos e desviada por *Super-Homem*. O contexto é o da Guerra Fria. Miller devolve a *Batman* sua “natureza” guerreira, nobre. *Batman* empinando seu cavalo e convocando seus “filhos”/seguidores para ajudar e controlar a multidão “enlouquecida”, saqueando e agredindo. *Batman* quebrando um rifle:

“Este **objeto** covarde e idiota... Ele é a arma do **inimigo**! Nós não precisamos disto! Nossas armas [mostrando um *batarangue*] são **silenciosas**... **precisas**! No tempo certo, ensinarei como devem ser usadas! Esta noite, vocês usarão só os punhos... e a **astúcia**! Esta noite, **nós** somos a lei! **Eu** sou a lei! Vamos cavalgar!”

As suas “ordens” são para ajudar... E ele o faz tomado por uma expressão de fúria, de ferocidade, de agressividade. *Batman* não usa armas de fogo, mas quem disse que o que ele usa não são armas? *Batarangues*, técnicas de lutas, força física, astúcia. Sob o disfarce de suas regras, proibições, autolimitações, *Batman* ressuscita o que Elias (1994, p. 191) chamaria de sua herança cavaleirosa. *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, é o título de Miller; *Cavaleiro das Trevas/Dark Knight*, é como ele é chamado; e *knight* é cavaleiro, fidalgo, aristocrata, varão. Tendo se preparado desde jovem para o “teatro das colisões hostis entre homens”; Elias (1994), deslocando-se no tempo, lhe encontraria parentesco entre a “classe governante secular” dos guerreiros. Disfarçando seu medo e sua dor, *Batman* converte suas emoções de modo que seu ódio e sua raiva lhe sirvam de combustível às “batalhas” que se propõem. Mas *Batman* não vive só de vingança. O campo de batalhas que se tornou a sua *Gotham*, com seus perigos, seus “selvagens urbanos”, “monstros”, lhe oferece o cenário, ambiente, para a manifestação de outras emoções. Ali ele, senão explicitamente, se permite também ao “prazer”; encontra justificativa para a sua “crueldade física”, outras; para a tortura, a “destruição” simbólica de seus adversários e a exibição de sua “superioridade”; desafiando a ordem estatal. *Batman* vive num mundo “civilizado” e sendo assim suas manifestações estão ou deveriam estar sujeitas/são alvo aos/dos mecanismos de controle moderno. “Inibido” por esses “rigores”, *Batman* se tornou um “cavaleiro das trevas” e nelas ele exercita a sua guerra, sua caçada, sem constrangimentos, como só o podiam ou “necessitavam” seus “fortes e poderosos” ancestrais medievais ou antigos.

A *Batman* não interessa pilhar seus adversários, disso ele não precisa; nem matá-los, apesar de já ter sido responsabilizado indiretamente por algumas mortes; nem tem por hábito, pelo menos não ‘oficialmente’, mutilar grave e intencionalmente seus inimigos; prazeres estes

registrados entre os cavaleiros medievais, contudo parece manifestar uma predileção por “quebrar” as suas caras, principalmente os dentes.

Charada sorrindo: “Pergunta: Quantas vezes você me derrotou? Respostas: Cinco. Dez. Cem! Mas... Qual a maior **derrota** do Batman? Resposta: **A morte de Robin**. Não gostou de ter isso jogado na sua cara, né?”

Batman: “O túmulo dele está vazio. **Onde está o corpo de Jason?**”

C. sorrindo mais: “Isso é uma charada, não?”

Batman esmurra *Charada* fortemente. Ele cai sangrando no rosto.

Policial, entrando na sala: “Que aconteceu?”

B. olhando para *Charada* desmaiado no chão: “Ele escorregou.”

P.: “Precisa de ajuda?”

B.: “Não. Já terminamos.”¹⁶

Explosivo emocionalmente, apesar de aparentemente controlado, raramente *Batman* se sente ameaçado ou intimidado por algum adversário. Apenas *Espantalho*, com seu gás do medo, o faz admitir sua principal fragilidade. Os demais parecem enfurecê-lo e potencializá-lo ainda mais. *Batman* e seus aliados, em seus e em outros quadrinhos, em seu crescente e diverso mundo bandido, parecem reativar uma “sociedade de guerreiros”, considerada extinta pela sociedade moderna, mas que aqui se constitui senão para as personagens, pelo menos para o leitor, numa possibilidade de entretenimento. E, difícil não reconhecer, na filiação dele com seus outros vigilantes, a relação entre o líder/chefe e seu bando.

Sobre a guerra para o guerreiro, no caso medieval, Elias (1994, p. 194) diz que ele “não amava só a guerra, vivia dela. Passava a juventude preparando-se para isso. Ao chegar à idade apropriada, era armado cavaleiro e fazia a guerra enquanto as forças lhe permitiam até a velhice. Sua vida não tinha outra função. Seu lugar de moradia era uma torre de vigia, uma fortaleza, simultaneamente arma de ataque e defesa”. E com *Batman* tem sido assim por quase 70 anos. A sua “guerra”, como ele mesmo concorda em algumas histórias, tem sido a sua vida e o seu prazer. Em *O Cavaleiro das Trevas* ele está mais velho, mas mesmo assim encontra forças para enfrentar seus antigos e novos inimigos. E de sua *batcaverna*, de seus monitores, e das torres dos edifícios mais altos, é de onde ele monitora/vigia a cidade. *Batman* se arrisca, à vida, à morte. A morte, ele a conhece, já a viu de perto, quando os pais se foram. Ele não as teme. A morte, às vezes parece que a deseja,

“O motor furioso discute comigo [...] Ele rosna [...] O pneu dianteiro esquerdo decide girar sozinho. Eu rio disso e forço a roda pra direita. A ponta bate no asfalto. Eu olho pra pista... e depois pro centro de um **sol**. Seria uma boa morte... Mas não o bastante.”¹⁷

¹⁶ *Batman* interrogando *Charada* no Asilo Arkham, em *Batman Nº 20: Capítulo Doze: O Fim* (LOEB, Jeph; LEE, Jim, 2004, p. 21).

¹⁷ *Batman: O Cavaleiro das Trevas* (MILLER, Frank, 1989).

“Em dez anos, nunca me senti tão **calmo...** e **seguro**. Esta seria uma **morte perfeita...** O disparo de uma **magnum** me atinge como um trem cargueiro. A **placa** resiste. Por que acha que uso um alvo no peito? Não consigo firmar a cabeça. O braço esquerdo está amortecido. Se for um ataque cardíaco, é o **fim**. Uma morte perfeita... Mas há milhares de vidas em jogo...”¹⁸

É na sua “guerra” particular que *Batman* melhor disfarça/processa seu medo. O medo que sentiu, que sente, quando recorda dos pais, da morte dos pais, da impossibilidade de salvá-los, da solidão da morte; como se a proximidade da morte o aproximasse novamente deles? Apesar de viver intensamente o que a vida cavaleirosa lhe oferece, apesar de seus feitos, *Batman* é um cavaleiro soturno, lúgubre, sombrio. A promessa/vingança não cumprida, impossível de ser alcançada. O compromisso eterno.

Homem de “boas maneiras”, “digno”; de comportamentos, sentimentos e emoções “controladas”, “moderadas”, “calculadas”, “civilizadas”, “reservadas”, “refinadas”, “racionalizadas”, “reguladas”, reconheceria Elias (1994, p. 200): um cavaleiro; *Bruce Wayne* é o disfarce perfeito ou conveniente para a função arcaica abraçada por *Batman*. Apreciador de esportes, de jogos - no dizer do autor, expressões socialmente permitidas de “identificação imaginária com um pequeno número de combatentes, a quem uma liberdade moderada e precisamente regulamentada é concedida para liberação dessas emoções”, de “beligerância” e de “agressão” -, *Wayne* finge um prazer passivo quando como *Batman* ele chega quase às últimas consequências.

Referências bibliográficas

- ASAMYIA, Kia. **Batman**: Mangá. São Paulo: Mythos, 2003. 2 cap.
- BATMAN. São Paulo, Panini, n. 1, nov. 2002-.
- BERNARDO, Adiléia Aparecida. **Perda e trevas, dor e medo...: um estudo em Batman, o Homem-Morcego**, em histórias em quadrinhos (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2007.
- CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos do perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.
- DEMATTEIS, J. M.; ASHMORE, Brian. **Batman**: Absolvição. São Paulo: Panini, jun. 2005.
- DINI, Paul; ROSS, Alex. **Batman**: Guerra ao Crime. São Paulo: Abril, 2000.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

¹⁸ *Batman: O Cavaleiro das Trevas* (MILLER, Frank, 1989).

- MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.
- MILLER, Frank. **Batman**: O Cavaleiro das Trevas. São Paulo: Abril, 1989. 4 cap.
- _____. **Batman**: O Cavaleiro das Trevas 2. São Paulo: Abril, 2002. 4 cap.
- MILLER, Frank; MAZZUCHELLI, David. **Batman**: Ano Um. São Paulo: Abril, 2002. 4 cap.
- _____. **Batman**: Ano Um. São Paulo: Abril, 1987. 4 v.
- _____. **Batman**: Ano Um. São Paulo: Abril, 2006. (Edição Definitiva).
- O'NEIL, Dennis; GIORDANO, Dick. **Batman**: O Homem que Cai. São Paulo: Opera Graphica, n. 1, 2001. (Almanaque Classic).
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SUPERMAN/BATMAN. São Paulo, Panini, n. 2, ago. 2005.
- WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.